

O perigo da atrofia acelerada

Além das inflamações no sistema nervoso, pessoas com esclerose múltipla enfrentam o desafio de conter a redução antecipada da massa cinzenta, que pode incapacitar o organismo e comprometer a qualidade de vida

» THAÍS CIEGLINSKI
ENVIADA ESPECIAL



Eles (os pacientes) passarão o resto da vida perdendo neurônios de forma acelerada se nada for feito para frear esse processo"

André Matta, neurologista da Universidade Federal Fluminense

ela atinge preferencialmente pessoas jovens. A primeira manifestação da doença costuma ocorrer entre 20 a 40 anos.

Na esclerose múltipla, a redução da massa cinzenta se dá por meio de inflamações do tecido cerebral ou medular. Nesses episódios, a mielina — substância que envolve e protege os neurônios — é danificada ou destruída e são formadas cicatrizes que impedem a transmissão dos impulsos nervosos. A depender da região afetada pelo surto, diversos sintomas podem se manifestar, entre eles problemas motores, sensitivos e psicológicos.

Apesar de ainda não haver cura para a EM, os pacientes acometidos pela doença são tratados com drogas que têm como objetivo reduzir as inflamações e, por consequência, a perda de neurônios.

Os tratamentos disponíveis encaixam-se em duas categorias: sintomáticos e terapias modificadoras. Na última, estão os medicamentos fornecidos pelo Sistema Único de Saúde: betainterferona, glatiramer e natalizumabe — todos injetáveis.

De acordo com os médicos, toda perda de volume cerebral gerada por doenças neurodegenerativas merece atenção, mas, no caso da EM, o quadro é ainda mais preocupante, uma vez que

No entanto, nem todos os remédios usados para controlar a doença são eficazes no combate a esse processo. É o que aponta estudo desenvolvido pelo neurologista Sven Schippling, pesquisador do Hospital Universitário de Zurique. De acordo com a pesquisa conduzida pelo médico suíço, apesar de reduzirem a quantidade de surtos, essas drogas não conseguem conter a atrofia logo que começam a ser ministradas. Apenas a partir do segundo ano de tratamento, os remédios passam a desacelerar também a perda de volume cerebral.

O único que se mostrou eficiente, desde o início, para barrar esse processo é o fingolimide, primeiro medicamento oral contra a esclerose múltipla. A substância reduziu a taxa de reincidência anual em 61% quando comparado ao interferon beta 1a — droga comumente receitada como primeira opção —, conforme estudo liderado por Jeffrey Cohen, do Instituto de Neurologia de Cleveland, nos Estados Unidos.

Segundo Schippling, diferentemente das pessoas acometidas por males como Alzheimer e demência, a maior parte dos portadores de EM é jovem, ou seja, sofrerá com a perda neural por um período muito mais prolongado. "Daí a importância de reduzir o processo degenerativo", explica o especialista. Com o avanço da doença, muitas pessoas passam a enfrentar sintomas cada vez mais sérios. "A perda de volume cerebral está intimamente relacionada à incapacidade física e mental na esclerose múltipla. Isso quer dizer que, quanto mais o cérebro é atrofiado, mais a pessoa vai ter limitações de movimentos e intelectuais", confirma o neurologista André Matta.

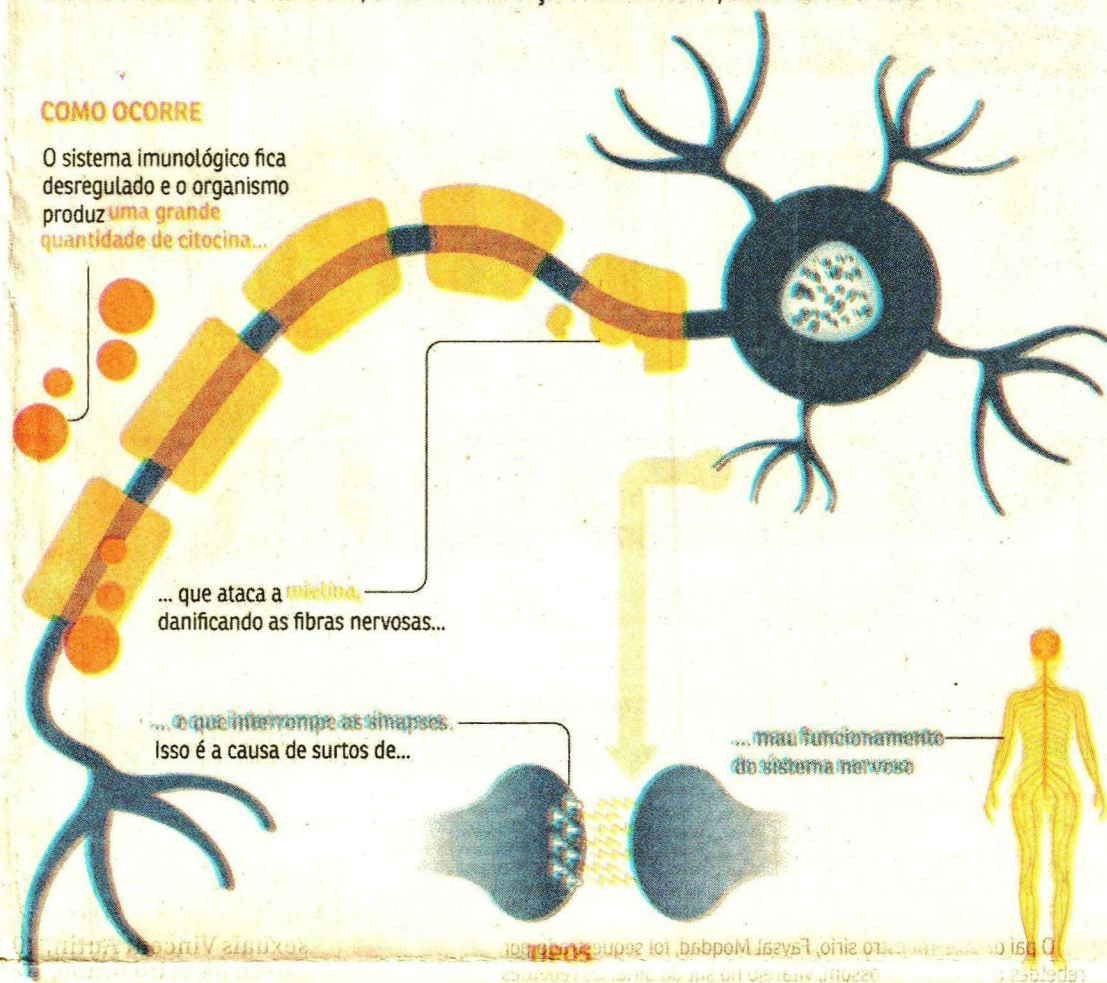
A repórter viajou a convite do laboratório Novartis

Ameaça iminente

A esclerose múltipla é uma **doença neurodegenerativa**, com incidência maior em mulheres jovens. Por uma falha do sistema imunológico, a bainha de mielina — substância que recobre e isola os neurônios — é identificada com um agressor e passa a ser atacada. Áreas do cérebro, do cerebelo, do tronco encefálico e da medula espinhal podem ser afetadas por inflamações. Os surtos são períodos de sintomas neurológicos muito intensos e bem definidos que se intercalam com períodos de estabilidade. Até o momento, a causa da doença é desconhecida, assim como a cura

COMO OCORRE

O sistema imunológico fica desregulado e o organismo produz uma grande quantidade de citocina...



Remissão recorrente

Evolui em surtos, com sintomas que ocorrem de maneira súbita e podem deixar sequelas. É a forma mais comum de esclerose múltipla

Primária progressiva

Representa de 15 a 20% dos casos de EM e tende a acometer pessoas acima de 40 anos. É mais comum em homens. Não há ocorrência de surtos, mas de sintomas progressivos acumulados ao longo do tempo

Secundária progressiva

Acomete pacientes que evoluíram da forma remissão recorrente e apresentam piora lenta e progressiva. Em geral, esse processo se dá em 20 anos